

## A incidência das relações pais-filhos na exploração de carreira\*

POR

EDUARDO J. R. SANTOS<sup>(1)</sup> E RUI GUILHOTO LOUREIRO<sup>(2)</sup>

### Resumo

*Com uma amostra de 89 indivíduos adolescentes (67,4 % do sexo feminino e 32,6 % do masculino), alunos do Ensino Secundário, estudou-se qual a relação entre o comportamento exploratório de carreira e o tipo de relações entre pais e filhos. Utilizaram-se como medidas a Escala de Exploração de Carreira do Career Development Inventory (CDI) de Super e colaboradores (1983) e o Questionário de Relações Pais-Filhos de Bastin e Delrez (1976), adaptado para Portugal por Vaz Serra e colaboradores (1987).*

*Verificou-se existirem diferenças quanto ao sexo na exploração de carreira, sendo os sujeitos do sexo feminino os que mostraram acreditar mais na utilidade das fontes de informação e que mais uso fazem delas. Nas relações entre pais e filhos, parece haver também lugar a diferenças entre sexos, sendo que as raparigas percebem as suas mães como mais "aceitadoras" do que os rapazes, e estes avaliam a sua relação com o pai, em termos genéricos, como mais positivas do que o fazem as raparigas.*

*Dos dados apurados, verificamos também existir alguma variação no comportamento exploratório consoante as relações pais-filhos. Em termos globais, o estudo põe em evidência, nesta amostra, o papel crucial que desempenha a figura da mãe. Em termos de dimensões mais específicas em jogo, os sujeitos do sexo feminino revelam maior crença na utilidade das fontes de informação quando a figura da mãe é vista como tolerante, apreciativa e aceitadora. Na amostra em geral, a comunhão de ideias e sentimentos na família mostra-se, também, associado a maiores índices de exploração de carreira.*

*O conjunto dos resultados contribui para confirmar a hipótese geral de que o comportamento exploratório de carreira difere consoante o tipo de relações estabelecidas entre pais e filhos, o que parece estar de acordo com a literatura especializada. De um modo mais particular, relações pais-filhos mais favoráveis conduzem a crenças mais positivas sobre a utilidade da exploração de carreira e a maior utilização dos recursos informacionais disponíveis.*

A Exploração de Carreira (EC) tem sido reconhecida na literatura como sendo um dos aspectos mais importantes do comportamento vocacional dos indivíduos.

No modelo de comportamento vocacional de

Ginzberg e colaboradores, datado de 1951, a EC surge como um passo crucial, sendo o primeiro passo do último estágio de desenvolvimento vocacional (o realista), ocorrendo por volta dos 18 anos de idade. Ainda nos anos 50, Super defendeu a

<sup>(1)</sup> Professor Associado na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

<sup>(2)</sup> Conselheiro de Orientação Profissional no Centro de Emprego de Lamego do Instituto do Emprego e Formação Profissional.

Contacto para correspondência: Eduardo R. Santos, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, R. Colégio Novo, Apt. 6153, 3000 Coimbra. Fax 039-4191465.

\* Comunicação apresentada nas 2<sup>as</sup> Jornadas de Estudo da Sociedade Portuguesa de Psicologia, Lisboa, 26 e 27 de Junho de 1995.

existência de um estágio exploratório específico (Super, 1957), coincidindo com o período da adolescência. É a partir da década de 60, com o surgimento de trabalhos centrados numa perspectiva mais desenvolvimentista (Blustein, 1990), que mais se valorizou esta dimensão do funcionamento vocacional, sendo uma das investigações de maior monta o *Career Pattern Study*, desenvolvido por Super e colaboradores a partir de 1958. Harren (1978) desenvolveu um modelo de tomada de decisão, no qual a EC ocorre essencial e primeiramente durante o período de planificação, invocando procura de informação acerca de opções de carreira e considerando-as à luz do auto-conceito.

Um grande avanço na conceptualização da EC dá-se, segundo Blustein (1990), com Jordaan em 1963. Para Jordaan, a EC possui uma natureza multidimensional, com antecedentes e consequentes muito claros. A EC é um comportamento de resolução de problemas (*problem-solving*), dirigido à explicitação da informação sobre o "self" e sobre o ambiente envolvente, em ordem à preparação e realização de uma escolha, à entrada, no ajustamento ou progressão na carreira (Grotevant & Cooper, 1988).

O comportamento exploratório é encarado como um processo que inclui toda uma série de actividades (que vão muito para além da mera colheita de informação sobre ocupações), tipicamente localizado no período da adolescência e fazendo parte de um processo mais vasto de tomada de decisão. Numa definição ampla e abrangente, EC é um "processo cognitivo e comportamental que pode ser dirigido tanto ao 'self' como ao meio ambiente" (Blustein, 1990, pp. 5), constituído por actividades de procura e tratamento de informação relacionada com as diversas tarefas de desenvolvimento ao longo do ciclo de vida, nomeadamente com a tomada de decisão. A EC, segmento particular do comportamento exploratório geral dos indivíduos, é um processo cuja finalidade é a clarificação do auto-conceito vocacional (Blustein, 1990).

Há alguma evidência empírica e conceptual de que a EC ocorre antes dos processos de cristalização, especificação e implementação das escolhas, permitindo, ou não, a sua boa forma: um comportamento exploratório mais "pobre" ou "destorcido", conduz frequentemente a um desenvolvimento também mais "pobre" e limitado (Blustein, 1990; Blustein, 1992; Grotevant & Cooper, 1988).

Blustein (1990), na sua revisão da literatura, apresenta-nos uma síntese dos antecedentes e

consequentes da EC:

**Antecedentes:** configuração favorável de influências ambientais (por exemplo, aprendizagem vicariante); necessidade de controlo pessoal e de uma auto-determinação dos indivíduos; ambiente e contexto sócio-económico favoráveis; crenças positivas da sua utilidade;

**Consequentes:** maior volume de informação disponível pode não conduzir, necessariamente, a ganhos positivos (por exemplo, Snyder (1981) sugeriu que os indivíduos tendem a ligar-se a hipóteses envezadas, procurando informação que confirme as suas assunções sobre certos dados ou eventos); a qualidade do auto-conceito e da informação são decisivas; há efeitos positivos da EC quando os indivíduos exploram domínios do auto-conhecimento e do meio relacionados com a tarefa de desenvolvimento mais próxima; a EC é um meio de consolidar decisões e tarefas de desenvolvimento; os indivíduos que exploram o meio e o "self" com mais qualidade e profundidade, tenderão a escolher mais satisfatória e congruentemente; diferentes tipos de EC têm diferentes efeitos no funcionamento vocacional.

Outros estudos indicam-nos diferentes aspectos e dimensões positivamente relacionadas com a EC, como a orientação para a autonomia e controlo pessoal (Blustein, 1988), a formação da identidade (Blustein, 1990; Grotevant & Cooper, 1988; Lopez, 1992; Young & Friesen, 1990), sobretudo quando da exploração da identidade pessoal no final da adolescência (Blustein, Devenis & Kidney, 1989), a participação em intervenções grupais dirigidas à EC (Forster, 1991) e processos motivacionais internos (Blustein, 1988). Durante a adolescência, a EC encontra-se associada ao processo de formação da identidade (Blustein, Devenis & Kidney, 1989). O processo de individuação e o sentimento de pertença, que implicam a exploração de si e dos outros, está positivamente relacionada com a formação da identidade do adolescente (Lopez, 1992).

Alguns estudos demonstraram a importância do comportamento dos pais no comportamento vocacional dos seus filhos (Grotevant & Cooper, 1988; Lopez, 1992). Efectivamente, os pais poderão funcionar como modelos, através do seu nível de educação ou da carreira que desenvolvem, do seu estatuto, criando expectativas e aspirações para os seus filhos. A família é o maior factor de socialização no desenvolvimento de carreira (Young & Friesen, 1990) e "fornece aos seus membros tanto o vocabulário como as regras semânticas para a descrição de si

próprio" (Lopez, 1992, pp. 277).

No domínio do funcionamento cognitivo dos indivíduos, alguns autores encontraram relações positivas entre filhos com maior competência cognitiva e pais acessíveis e entre motivo de realização alto e relações familiares próximas, indicando, assim, que relações com os pais mais positivas e calorosas fornecem uma base sólida para a aquisição de esquemas de auto-regulação dos indivíduos (Serra et al, 1987).

Grotevant e Cooper (1988) apontam como premente a condução de estudos sobre a qualidade da relação familiar e suas implicações para a carreira, sobretudo quando pensamos na EC. Segundo estes autores, o tipo de relações estabelecidas entre pais e filhos, e para além das expectativas, aspirações e modelação, poderá ter um papel crucial no modo como os indivíduos, de uma forma geral, abordam a sua carreira e, mais especificamente, exploram o "self" e o meio.

Nesta linha de pensamento, realizámos um pequeno estudo relacionando, precisamente, o comportamento exploratório de adolescentes com o tipo de relações que têm ou tiveram com os seus pais, partindo de duas hipóteses, uma mais geral e outra mais específica, respectivamente: o comportamento exploratório difere consoante o tipo de relações entre pais e filhos; relações mais favoráveis conduzem a crenças mais positivas sobre a utilidade da EC e a maior utilização dos recursos informacionais disponíveis.

## MÉTODOS

### Sujeitos

A amostra do nosso estudo é composta por 89 sujeitos (67,4 % do sexo feminino e 32,6 % do masculino), alunos do Ensino Secundário de uma escola da região centro do país. As idades variam entre os 14 anos e os 20, com uma média de 16,4 e valor modal de 16.

Relativamente ao contexto familiar, verifica-se que o pai tem entre 34 e 67 anos (média de 47 anos), situando-se a larga maioria na faixa dos 38 aos 53 (67 %), possui sobretudo a 4ª Classe ou o Ciclo e tem uma profissão semi-qualificada. A mãe tem entre os 32 e os 64 anos (média de 43,96 anos), a larga maioria na faixa que vai dos 36 aos 50 anos (70 %), possui a 4ª classe e é doméstica. Os dados relativos aos pais indicam, de algum modo, um padrão: os pais tendem a ser mais velhos e com um grau de escolaridade mais elevado do que as mães. Por hipótese, trata-se de um

padrão tradicional de família naquele contexto sócio-cultural.

Verificamos que 71,9 % dos sujeitos dizem estar decididos por uma profissão, enquanto 20,2 % estão indecisos entre duas profissões e 7,9 % não sabem ainda que escolha realizar. No total, para os sujeitos que referiram profissões, foram encontradas 23 profissões diferentes, somente duas delas não requerendo curso superior. Dentro da grande diversidade de profissões, é muito interessante notar que a de professor recolheu 23 preferências (25,8 %), sendo a largamente dominante. No tocante a experiências de trabalho, 29,2 % dos sujeitos já realizaram uma experiência laboral, referindo todos eles o seu carácter positivo.

### Material

Elaborámos para este estudo um questionário constituído por 4 valências, a saber: questões gerais sobre a carreira, exploração da carreira, relações pais-filhos e dados pessoais.

### Questões gerais

Dizem respeito à escolha da profissão. Pretende-se saber se os sujeitos já tomaram alguma decisão de carreira, qual a profissão em que estão a pensar, qual o caminho que pensam ser melhor para implementarem essa escolha, que tipo de influências houve sobre a escolha e, finalmente, se possuem alguma experiência de trabalho e qual o valor que lhe foi atribuído.

### Medida de Exploração de Carreira

Esta medida é a sub-escala de exploração de carreira extraída do Career Development Inventory (CDI), desenvolvido por Donald Super, traduzida e adaptada para Portugal por Marques & Caeiro (1982) (Quadro I). Trata-se de uma escala de atitudes, com um total de 18 itens (os 9 primeiros relativos às crenças sobre a EC e os outros 9 sobre os recursos de informação utilizados), para 9 fontes diferentes de informação, procurando medir a qualidade do comportamento exploratório. A forma utilizada foi a destinada a alunos do ensino secundário. Cada resposta é pontuada de 1 a 4 valores, segundo o grau de crença na utilidade informacional das fontes ou o grau de utilização efectiva dessas fontes pelos indivíduos. No estudo de Marques & Caeiro (1982), a pontuação é posteriormente multiplicada por um peso específico, de acordo com a suposta qualidade da fonte.

**Quadro I** - Sub-escala de Exploração de Carreira do *Career Development Inventory* de Super, versão portuguesa de Marques e Caeiro (1982).

As questões numeradas de 1 a 9 têm quatro respostas possíveis. Escolha para cada questão a melhor resposta, para indicar em que medida recorria ou não às fontes de informação ou de ajuda a seguir indicadas, para fazer os seus planos em relação à profissão e à continuação dos estudos, escrevendo a letra apropriada nos espaços em branco da segunda coluna.

- A = Concerteza que não  
B = Provavelmente não  
C = Provavelmente sim  
D = Concerteza que sim

1	Recorria ao meu pai, à minha mãe, aos meus tios, etc.
2	Recorria aos meus irmãos, às minhas irmãs ou primos
3	Recorria aos amigos
4	Recorria aos professores
5	Recorria a psicólogos ou a conselheiros de orientação
6	Recorria a outros adultos que sabem e que podem ajudar as pessoas
7	Recorria a guias de estudos e outros documentos de informação publicados pelas escolas, pelo Ministério da Educação ou pela Secretaria de Estado do Emprego
8	Recorria a pessoas que trabalham na profissão ou que estão na escola ou na universidade para onde penso seguir
9	Recorria a programas de televisão, a filmes ou revistas

As questões 10 a 18 também têm quatro respostas possíveis. Escolha para cada uma a resposta que melhor indica em que medida já obtive das pessoas ou fontes abaixo mencionadas, informações para os seus planos de futuro, escrevendo também a letra apropriada nos espaços em branco da segunda coluna.

- A = Nenhuma informação útil  
B = Alguma informação útil  
C = Bastante informação útil  
D = Muita informação útil

10	Obtive do meu pai, da minha mãe, dos meus tios, etc.
11	Obtive dos meus irmãos, das minhas irmãs ou de outros parentes
12	Obtive dos amigos
13	Obtive dos professores
14	Obtive de psicólogos ou de conselheiros de orientação
15	Obtive de outros adultos que sabem e que podem ajudar as pessoas
16	Obtive de guias de estudos e outros documentos de informação publicados pelas escolas, pelo Ministério da Educação ou pela Secretaria de Estado do Emprego
17	Obtive de pessoas que trabalham na profissão ou que estão na escola ou na universidade para onde penso seguir
18	Obtive de programas de televisão, a filmes ou revistas

**Medida de Relações Pais-Filhos**

Utilizámos o Questionário de Relações Pais-Filhos (QRPF), desenvolvido por Bastin e Delrez em 1976 e posteriormente traduzido e adaptado por Serra e colaboradores em 1987. O objectivo desta medida é avaliar o tipo de relações estabelecidas entre pais e filhos, na perspectiva do respondente. Constituído por 63 itens diferentes (28 respeitantes ao pai, 27 à mãe e 8 para questões gerais), o questionário está construído de forma a que, quanto mais alta a pontuação obtida, maior a qualidade da relação. Para o pai, foram estabelecidos 7 factores, para a mãe outros tantos e para as questões gerais apenas 2 (Quadro II). No nosso estudo, não levamos em linha de conta alguns itens que, segundo Serra e colaboradores (1987), não se encontram associados a qualquer factor e apenas contam para uma pontuação global, sem interferência ou relação com os factores encontrados.

**Quadro II** - Factores associados às sub-escalas do Questionário de Relações Pais-Filhos (Serra et al, 1987, pp. 132).

**PAI**

1. Tolerância / Dominância
2. Aceitação / Rejeição
3. Apreciativa / Inferiorizante
4. Autonomia / Sobreprotecção
5. Não conflituosa / Conflituosa
6. Confiança / Desconfiança
7. Pai educador / Pai não educador

**MÃE**

1. Tolerância / Dominância
2. Aceitação / Rejeição
3. Apreciativa / Inferiorizante
4. Consistência / Inconsistência
5. Confiança / Desconfiança
6. Não Conflituosa / Conflituosa
7. Mãe Educador / Mãe não Educadora

**QUESTÕES GERAIS**

1. Comunhão de ideias e sentimentos
2. Consistência / Inconsistência

**Dados pessoais**

Neste capítulo, pergunta-se aos sujeitos a sua idade, sexo, estado civil, ano de escolaridade e área, e profissão, idade e escolaridade do pai e da mãe.

**Procedimento**

Os sujeitos responderam ao questionário proposto, colectivamente, no final de um tempo lectivo em 94-12-12, por prestável disponibilidade dos seus professores. No total, foram passados 106 questionários. Destes, foram anulados 17 por terem sido respondidos de uma forma incompleta.

**RESULTADOS****Influência na escolha**

Verificou-se que 57,3% dos sujeitos não respondeu ou fê-lo de uma forma vaga e inconsistente quanto à influência nas suas escolhas vocacionais. Contudo, aparecem como factores mais influenciadores da escolha as pessoas de uma forma geral (13,5%), seguido dos professores (10,1%). A influência da família nas escolhas apenas foi referida por cerca de 5% dos sujeitos.

**Exploração de carreira**

Para a amostra total, o índice crença possui uma média de 26,65 (desvio padrão (DP) de 3,77) ligeiramente superior à média do índice de utilidade (20,78, com DP de 4,37). Possuindo ambos o mesmo número de itens e as mesmas fontes, isto poderá ser um indicador de que, de uma forma geral, serão mais elevadas as crenças nas fontes do que a utilização dessas mesmas fontes de informação.

Com as pontuações ponderadas de acordo com os pesos (Marques & Caeiro, 1982), comparámos as respostas com os percentis da amostra da adaptação portuguesa (Quadro III).

Verificamos que, em ambos os índices, a maioria dos sujeitos se situa nos percentis superiores à média. As raparigas destacam-se dos rapazes por se situarem, também em ambos os índices, mais nos percentis superiores.

Pela análise da variância (Quadro IV), as raparigas revelam médias mais elevadas que as dos rapazes, diferenças estatisticamente significativas, tanto no índice crenças, como em utilização das fontes. Ou seja, as raparigas tenderão a acreditar mais na utilidade das fontes de informação e a utilizá-las para obter informação.

**Quadro III** - Distribuição percentual da amostra por níveis correspondentes aos percentis encontrados na adaptação portuguesa do CDI e por sexo (n = 89).

Nível	Exploração de Carreira			
	Crenças		Recursos	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Superior	20,69	50,00	31,03	78,33
Médio	34,48	41,67	20,69	3,33
Inferior	44,83	8,33	48,28	18,33
Total	100,00	100,00	100,00	100,00

**Quadro IV** - Análise da variância para Exploração de Carreira, por sexo do respondente.

Medida	Sexo do respondente				F (1,87)
	Masculino (n=29)		Feminino (n=60)		
	M	DP	M	DP	
Crenças	24,41	4,38	27,73	2,90	18,11 *
Recursos	18,86	3,93	21,70	4,30	9,00 *
Total	43,28	6,89	49,43	6,00	18,69 *

\*  $p < 0,01$ . Médias mais elevadas correspondem a maior crença ou mais utilização de recursos de informação.

Quanto aos índices de exploração de carreira visto em função da área de estudos do ensino secundário, podemos constatar a não existência de qualquer diferença significativa ( $F_s < 2,3$ ). Também não se encontraram diferenças significativas por tipo de decisão ( $F_s < 2$ ) e por experiência de trabalho ( $F_s < 2$ ).

#### Relações Pais-Filhos

Para esta medida, não realizámos qualquer comparação com outro tipo de amostra. A amostra utilizada por Serra e colaboradores (1987) difere substancialmente da nossa, pelo que, em nossa opinião, essa análise seria incorrecta. Assim, procedemos somente à análise da variância das sub-escalas e respectivos factores.

Por factores das sub-escalas, para o pai e para as questões gerais não encontramos qualquer diferença significativa quanto ao sexo dos respondentes ( $F_s < 5$  e  $F_s < 2$ , respectivamente). Na sub-escala mãe, deparamos com uma diferença significativa entre sexos somente no factor "Aceitação/Rejeição" ( $F = 4,08$ ,  $p <$

0,05), no qual as raparigas apresentam uma média significativamente superior à dos rapazes (9,87 e 8,76, respectivamente). Isto poderá querer dizer que, nesta amostra, as raparigas avaliam as suas mães como mais "aceitadoras" que os rapazes. Quanto aos valores globais, verificamos existirem diferenças estatisticamente significativas entre rapazes e raparigas para a sub-escala pai e o total da escala (Quadro V). Os rapazes possuem uma média mais elevada para a sub-escala pai e a nota global da escala. Ou seja, trata-se de um indicador de que, provavelmente, os rapazes avaliam mais positivamente a sua relação com pai do que as raparigas, bem como, em termos gerais, a sua relação com ambos os pais. No que diz respeito à relação com o pai, poderemos estar em presença de um factor de ordem cultural/educativa: os rapazes sentem-se mais próximos do pai que as raparigas. Note-se que os valores para a escala mãe estão muito próximos de serem estatisticamente significativos, desta feita sendo as raparigas que mais percebem a sua relação com a mãe como positiva.

**Quadro V** - Análise da variância para o Questionário de Relações Pais-Filhos, por sexo do respondente.

Sub-escala	Sexo do respondente				F (1,87)
	Masculino		Feminino		
	(n=29)		(n=60)		
	M	DP	M	DP	
Pai	87,17	22,01	66,67	25,53	13,74 *
Mãe	27,03	5,73	29,25	4,71	3,74
Questões Gerais	11,00	3,45	11,25	3,53	< 0
Total	185,24	46,67	146,22	48,73	12,88 *

\*  $p < 0,01$ . Médias mais elevadas correspondem a maior índice de relação.

**Quadro VI** - Análise da variância para factor Tolerância/Dominância das sub-escalas pai e mãe do Questionário de Relações Pais-Filhos, por tipo de decisão.

Tol./Dom.	Tipo de decisão						F (1,87)
	Decididos		Indecisos		Não sabe		
	(n=64)		(n=18)		(n=7)		
	M	DP	M	DP	M	DP	
Mãe (F1)	6,95a	2,55	6,39	2,35	4,29a	3,30	3,49 *
Pai (F1)	10,30a	3,57	9,56	4,09	5,86a	3,98	4,58 *

\*  $p < 0,05$ . Médias mais elevadas correspondem a maior tolerância percebida. Por linha, letra **a** indica médias que diferem entre si significativamente,  $p < 0,05$ .

Na análise da variância das relações Pais-Filhos por tipo de decisão, não encontramos diferenças estatisticamente significativas para a nota global da escala e para todas as três sub-escalas ( $F_s < 0,6$ ). Na análise por factores das sub-escalas, encontramos diferenças significativas somente para o factor "Tolerância/Dominância" do pai e da mãe, em que os sujeitos decididos parecem perceber a sua relação com o pai e a mãe como mais tolerante do que os indivíduos que não sabem que escolha realizar (Quadro VI).

Ou seja, os sujeitos que não escolheram qualquer profissão, parecem avaliar ambos os pais como mais dominantes e menos tolerantes que os sujeitos que já decidiram. Muito provavelmente, pais mais tolerantes e abertos aos seus filhos poderão fomentar comportamentos de exploração, potenciar a auto-confiança e facilitar o processo de individuação dos seus filhos.

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nas relações pais-filhos entre sujeitos com e sem experiência de trabalho.

Um dado interessante surge-nos nas diferenças entre as três áreas de estudo do ensino secundário (Quadro VII). Para o total da escala de relações pais-filhos, os sujeitos do Agrupamento I (Científico-naturais) revelaram médias mais elevadas, estatisticamente significativas, do que os sujeitos dos Agrupamentos III (Artes) e IV (Humanidades) ( $F = 41,48$ ,  $p < 0,01$ ), e  $F = 204,85$ ,  $p < 0,05$ , respectivamente) e os do Agrupamento III também mais elevadas do que os do Agrupamento IV ( $F = 89,47$ ,  $p < 0,01$ ). Para as sub-escalas pai e mãe, surgiram também diferenças estatisticamente significativas: na sub-escala pai, de igual modo ao total da escala, o Agrupamento I possui médias mais elevadas do que os Agrupamentos III e IV ( $F = 33,91$ ,  $p < 0,01$ , e  $F = 170,14$ ,  $p < 0,01$ , respectivamente), e o III mais do que o IV ( $F = 75,15$ ,

**Quadro VII** - Diferenças encontradas nas relações Pais-Filhos por área de estudo do Ensino Secundário (I: Científico-naturais; III: Artes; IV: Humanidades).

Medida	Agrupamento de estudos						F (2,86)
	Agrupamento I (n=23)		Agrupamento III (n=39)		Agrupamento IV (n=27)		
	M	DP	M	DP	M	DP	
Pai (F1)	103,17a	8,68	77,72a	12,40	41,63a	13,00	174,93 *
Mãe	26,22a	5,60	29,59a	5,41	28,96	3,67	3,43 **
Total	218,52a	13,37	167,41a	24,51	95,93a	21,85	210,33 *

\*  $p < 0,01$ . \*\*  $p < 0,05$ . Médias mais elevadas correspondem a maior índice de relação. Por linha, letra a indica médias que diferem entre si significativamente.

**Quadro VIII** - Diferenças encontrados em 5 dimensões das relações pais-filhos, por posição dos respondentes nos percentis de crenças de exploração de carreira (C. I. S.: Comunhão de Ideias e Sentimentos).

Factores	Nível de Crença na Exploração de Carreira						F (2,86)
	Superior (n=36)		Médio (n=35)		Inferior (n=18)		
	M	DP	M	DP	M	DP	
Mãe Tolerância	6,75	2,50	7,23a	2,29	5,22a	3,15	3,70 *
Mãe Aceitação	9,78b	2,47	10,06a	2,11	7,89ab	2,54	5,45 **
Mãe Apreciativa	5,19b	1,12	5,17a	1,15	4,28ab	1,41	4,14 *
Mãe Total	28,97b	4,10	30,26a	5,20	24,28ab	4,74	9,94 **
C. I. S.	7,50	2,91	8,06a	2,89	5,83a	3,09	3,45 *

\*  $p < .05$  \*\*  $P < .01$ . Médias mais elevadas correspondem a medida mais positiva. Por linha, letras idênticas correspondem a médias que diferem entre si significativamente,  $p < .05$ .

$p < .01$ ); na sub-escala mãe, aparecem diferenças significativas entre os sujeitos do Agrupamento III e I ( $F = 3.28$ ,  $p < .05$ ), sendo aquele que apresenta médias mais elevadas. Não há diferenças para a sub-escala Questões Gerais ( $F < 2.5$ ).

#### Diferenças na Exploração de Carreira por tipo de Relações Pais-Filhos

Após a correcção das pontuações obtidas na medida exploração de carreira aconselhada por Marques e Caeiro (1982) e uma comparação com os percentis obtidos pelos autores, fizemos o estudo da variância com as relações pais-filhos (Quadro VIII).

Encontramos diferenças significativas no factor

geral "Comunhão de Ideias e Sentimentos", nos factores "Tolerância/Dominância", "Aceitação/Rejeição" e "Apreciativa/Inferiorizante" associados com a sub-escala mãe e nas pontuações totais do questionário e da sub-escala mãe, no tocante à crença na utilidade das fontes. Os sujeitos com nível "médio" diferem dos com nível "inferior" para "Comunhão de Ideias e Sentimentos", bem como para "Tolerância/Dominância" da mãe, indicando este dado que este factor parece mais importante quando é negativo do que positivo - ou seja, terá mais impacto uma mãe dominadora do que uma tolerante. Os sujeitos que revelam acreditar menos na utilidade das fontes de informação parecem avaliar também a sua mãe como

Quadro IX - Correlações encontradas entre sub-escalas de Relações Pais -Filhos e de Exploração de Carreira.

RELAÇÕES PAIS - FILHOS		EXPLORAÇÃO DE CARREIRA		
		Crenças	Recursos	Total
PAI	Tolerância	.21 **	—	—
	Aceitação	—	—	—
	Apreciativo	—	.27 **	.24 **
	Autonomia	—	—	—
	Não conflituoso	.21 **	—	—
	Confiança	—	—	—
	Educador	—	—	—
	Total	—	-.21 **	-.22 **
MÃE	Tolerância	—	—	—
	Aceitação	.29 *	.31 *	.35 *
	Apreciativa	—	.22 **	.25 **
	Consistência	—	—	—
	Confiança	—	—	—
	Não conflituosa	.24 **	—	—
	Educadora	—	—	—
	Total	.29 *	.30 *	.35 *
QUESTÕES GERAIS	Comunhão ideias e sentimentos	—	—	—
	Consistência	—	—	—
	Total	—	—	—
TOTAL		—	—	-.21 **

\* p &lt; .01. \*\* p &lt; .05

mais “rejeitadora” e “inferiorizante” que os outros. Curiosamente, os sujeitos considerados como tendo um nível médio em crenças, são os que possuem melhor pontuação no factor “Aceitação/Rejeição” da mãe. Para a sub-escala pai, não foram encontradas diferenças dignas de nota.

#### Associação entre Exploração de Carreira e Relações Pais-Filhos

Em termos de covariação (Quadro IX), o estudo

estatístico revela correlações estatisticamente significativas entre o total da escala de EC e o total da escala de relações Pais-Filhos ( $r = -.21$ ,  $p < .05$ ) e as sub-escalas pai ( $r = -.22$ ,  $p < .05$ ) e mãe ( $r = .35$ ,  $p < .01$ ). Na sub-escala Pai, surgem correlações estatisticamente significativas entre crenças e os factores Tolerância/Dominância ( $r = .21$ ,  $p < .05$ ) e Não Conflituosa/Conflituosa ( $r = .21$ ,  $p < .05$ ); e entre Recursos e nota global ( $r = -.21$ ,  $p < .05$ ) e factor Appreciativo/Inferiorizante ( $r = .27$ ,  $p < .05$ ). Na sub-escala Mãe,

revelam-se correlações significativas entre crenças e total da Mãe ( $r = .29, p < .01$ ) e factores Aceitação/Rejeição ( $r = .29, p < .01$ ) e Não Conflituosa/Conflituosa ( $r = .24, p < .05$ ); e entre Recursos e nota global ( $r = .30, p < .01$ ) e factores Aceitação/Rejeição ( $r = .31, p < .01$ ) e Apreciativa/Inferiorizante ( $r = .22, p < .05$ ).

Não foram encontradas correlações estatisticamente significativas para a sub-escala Questões Gerais e para os restantes factores ( $r$ 's  $\leq .19, p > .05$ ).

## DISCUSSÃO

Dos dados apresentados, podemos concluir claramente que a exploração de carreira, pelo menos nesta amostra e medida pela sub-escala do CDI, difere quanto ao sexo: as raparigas parecem acreditar e utilizar mais as fontes de informação que os rapazes.

No tocante às relações entre pais e filhos, parece haver lugar, também, a diferenças entre sexos. Comparativamente, as raparigas percebem as mães como mais aceitadoras na relação do que os rapazes, enquanto estes revelam, em termos gerais, melhor relação com o pai do que aquelas. Este aspecto está de acordo com alguns estudos sobre as diferenças entre sexos na educação de carreira. O processo de socialização dos rapazes está dirigido para a competência, para o instrumental e para a antecipação dos papéis de adulto, enquanto o das raparigas se dirige para a conformidade com as expectativas sociais, antecipando os papéis de esposa e mãe (Grotevant & Cooper, 1988). Donde, uma maior proximidade entre pais e filhos do mesmo sexo.

Os resultados surgidos através do estudo correlacional parecem indicar que, para além da relação, em termos genéricos, que se pode estabelecer entre tipo de relações Pais-Filhos e EC, existem algumas di-

mensões mais comprometidas com um comportamento exploratório mais efectivo. Indivíduos que percebem os seus pais como mais tolerantes, apreciativos e não conflituosos tenderão a desencadear mais comportamentos exploratórios de carreira. Um pai tolerante e uma mãe que aceita o filho favorecem a crença na utilidade das fontes de informação; pais apreciativos fornecem um apoio importante na utilização dessas mesmas fontes.

A EC revela-se neste estudo tanto maior quanto a mãe revela tolerância, aceitação e apreciação dos seus filhos e o clima da família veicula comunhão de sentimentos e de ideias. Também aqui este dado está de acordo com alguma investigação. Conforme nos diz Grotevant e Cooper (1988), a individualização e o sentimento de pertença são os dois aspectos nucleares do desenvolvimento da identidade da pessoa.

Todo este conjunto de dados, se acrescentarmos também as correlações positivas e estatisticamente significativas encontradas, mostram-nos que existem, efectivamente, factores da relação que estão associados ao comportamento exploratório dos indivíduos, potenciando-o em determinada direcção.

O presente estudo tem limitações. Por um lado, o tipo de instrumento utilizado para medir as relações entre pais e filhos foi aplicado pela primeira vez a este tipo de população e, por outro, a temática em discussão poderia lucrar com um estudo complementar, centrado na narrativa psicológica ou estudo de casos.

Pensamos que este pequeno trabalho vem reforçar, de algum modo, a perspectiva de autores como Spokane e Grotevant quando afirmam ser premente estudos sérios e profundos sobre processos básicos subjacentes ao funcionamento vocacional, com particular atenção às questões conceptuais e relações entre a Psicologia das Carreiras e ciência psicológica em geral.

## Referências

- BLUSTEIN, D. L. (1988). The relationship between motivational processes and career exploration. *Journal of Vocational Behavior*, 32(3), 345-357.
- BLUSTEIN, D. L. (1989a). The role of career exploration in the career decision making of college students. *Journal of College Student Development*, 30 (2), 111-117.
- BLUSTEIN, D. L. (1989b). The role of goal instability and career self-efficacy in the career exploration process. *Journal of Vocational Behavior*, 35(2), 194-203.
- BLUSTEIN, D. L. (1990, Abril). Explorations of career exploration literature: current status and future directions. Comunicação apresentada na Convenção da American Educational Research Association, Boston, MA.
- BLUSTEIN, D. L. (1992). Applying current theory and research in career exploration to practice. *Career Development Quarterly*, 41(2), 174-184.

- BLUSTEIN, D. L., DEVENIS, L. E., & KIDNEY, B. A. (1989). Relationship between the identity formation process and career development. Journal of Counseling Psychology, 36(2), 196-202.
- BLUSTEIN, D. L., & PHILIPS, S. D. (1988). Individual and contextual factors in career exploration. Journal of Vocational Behavior, 33(2), 203-216.
- GROTEVANT, H. D., & COOPER, C. R. (1988). The role of family experience in career exploration: A life-span perspective. In P. B. Baltes, D. L. Featherman, & R. M. Lerner (Eds.), Life-span development and behavior (Vol 8, pp. 231-258). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- HARREN, V. A. (1978). Assessment of Career Decision Making. Carbondale: Southern Illinois University, Department of Psychology.
- LOPEZ, F. G. (1992). Family dynamics and late adolescent identity development. In S. D. Brown & R. W. Lent (Eds.), Handbook of counseling psychology (pp. 251-283). New York: John Wiley & Sons.
- MARQUES, J. F., & CAEIRO, L. A. (1982). Inventário de Desenvolvimento Vocacional (CDI). I: Orientação de Carreira. Documento não publicado. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- SERRA, A. V., FIRMINO, H., & MATOS, A. P. (1987). Relações pais/filhos: alguns dados sobre as dimensões subjacentes. Psiquiatria Clínica, 8(3), 127-136.
- SPOKANE, A. R. (1991). Career intervention. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- SUPER, D. E. (1957). The psychology of careers: An introduction to vocational development. New York: Harper & Row.
- SUPER, D. E., CRITES, J. O., HUMMEL, R. C., MOSER, H. P., OVERSTREET, P. I., & WARNATH, C. F. (1958). Vocational development: A framework for research. New York: Columbia University Press, Teachers College.
- TIEDEMAN, D. V., & O'HARA, R. P. (1963). Career development: Choice and adjustment. New York: College Entrance Examination Board.
- YOUNG, R. A., & FRIESEN, J. D. (1990). Parental influences on career development: A research perspective. In R. A. Young, & W. A. Borgen (Eds.), Methodological approaches to the study of career (pp. 147-162). New York: Praeger.